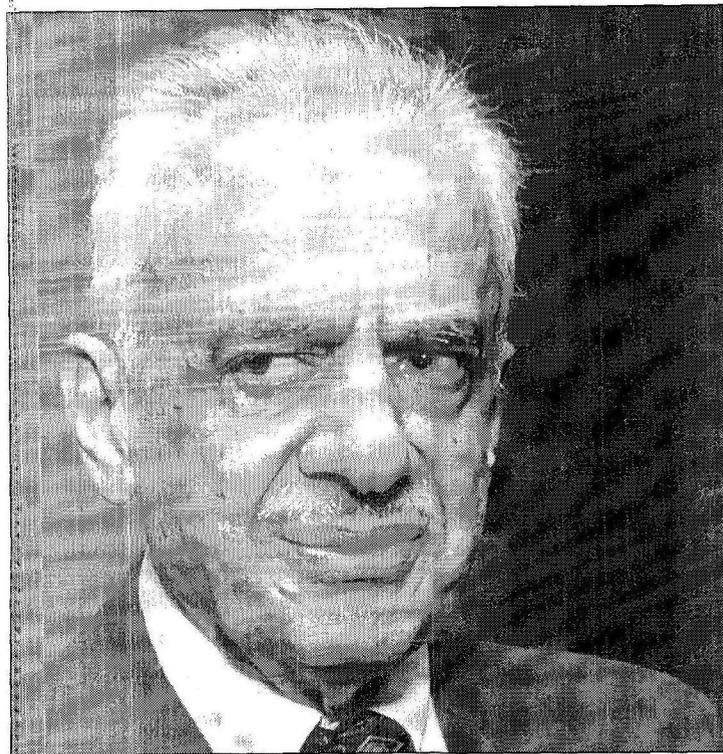


Para Simon, reforma política será solução



SIMON: "Os partidos estão fracos e não têm credibilidade"

O senador Pedro Simon (PMDB-RS) acredita que a reforma política seja um antídoto para o poder dos caciques da política brasileira. Na sua opinião, os partidos seriam mais fortes e teriam maior influência nas decisões, se existissem em menor número e se fosse exigida maior fidelidade de seus integrantes: "Os partidos estão fracos e não têm credibilidade, aí o Jader fala e vale mais que todo o PMDB; o ACM fala e vale mais que todo o PFL."

O senador gaúcho pensa, ainda, "que o Brasil só vai sair dessa anarquia institucional com o parlamentarismo", e lamenta que essa solução só volte ao debate nos momentos de crise.

Instituições estaduais mais fortes, independentes e

fiscalizadoras anulariam o poder dos caciques regionais, na opinião do cientista político Fernando Abrucio, professor da Fundação Getúlio Vargas e da PUC-SP. Ele refere-se particularmente às Assembleias Legislativas, Tribunais de Contas e Ministérios Públicos que, em alguns Estados, comportam-se aquém do seu papel e contribuem com a manutenção das estruturas de poder. "É preciso fortalecer as políticas estaduais, para torná-las mais republicanas e eficientes", diz.

Segundo ele, ao contrário do modelo centralizador da ditadura militar, com a redemocratização o País adotou um modelo "estadualista" de poder, por meio dos governadores. Surgiu, então, o que Abrucio chama de "federalismo predatório", em que as

elites regionais, de posse da máquina pública, repassaram custos para o governo federal, via bancos estaduais, entre outras atitudes.

Para Abrucio, o ataque a esse excesso de poder regional foi fator decisivo para o sucesso do Plano Real. No seu entender, apesar de o presidente Fernando Henrique Cardoso ter estruturado seu governo com base na distribuição de funções importantes aos partidos e, em menor medida, aos governadores aliados - inclusive distribuindo cargos de segundo e terceiro escalões nos Estados - os postos estratégicos ficaram com pessoas de estrita confiança e que possuíam grande conhecimento da máquina pública.

Ao contrário do senador Simon, o cientista político

Wanderley Guilherme dos Santos, do Instituto Universitário de Pesquisas do Rio de Janeiro (IUPERJ), não acredita que a reforma política seja suficiente para resolver o problema dos caciques regionais. Para ele, uma proposta de reforma que, por exemplo, estipule quatro anos de afastamento a um político que troque de partido, a não ser que crie um novo partido, traz dois riscos: aumentar a quantidade de partidos nânicos ou o número de políticos nomeados em cargos no Executivo.

"Não existe lugar no mundo em que as pessoas estejam satisfeitas totalmente com as instituições", observa Santos. "Mas se as pessoas não querem mais o Jader Barbalho, que esperem o eleitorado do Pará cassar-lhe o mandato."